

SESSION 2023

**CAPES
CONCOURS EXTERNE**

SECTION : LANGUES VIVANTES ÉTRANGÈRES

PORTUGAIS

ÉPREUVE ÉCRITE DISCIPLINAIRE

Durée : 6 heures

L'usage de tout ouvrage de référence, de tout dictionnaire et de tout matériel électronique (y compris la calculatrice) est rigoureusement interdit.

Il appartient au candidat de vérifier qu'il a reçu un sujet complet et correspondant à l'épreuve à laquelle il se présente.

Si vous repérez ce qui vous semble être une erreur d'énoncé, vous devez le signaler très lisiblement sur votre copie, en proposer la correction et poursuivre l'épreuve en conséquence. De même, si cela vous conduit à formuler une ou plusieurs hypothèses, vous devez la (ou les) mentionner explicitement.

NB : Conformément au principe d'anonymat, votre copie ne doit comporter aucun signe distinctif, tel que nom, signature, origine, etc. Si le travail qui vous est demandé consiste notamment en la rédaction d'un projet ou d'une note, vous devrez impérativement vous abstenir de la signer ou de l'identifier. Le fait de rendre une copie blanche est éliminatoire.

Tournez la page S.V.P.

A

INFORMATION AUX CANDIDATS

Vous trouverez ci-après les codes nécessaires vous permettant de compléter les rubriques figurant en en-tête de votre copie.

Ces codes doivent être reportés sur chacune des copies que vous remettrez.

► **Concours externe du CAPES de l'enseignement public :**

Concours	Section/option	Epreuve	Matière
E B E	0 4 3 3 E	1 0 1	9 3 1 1

CAPES EXTERNE**PORTUGAIS****ÉPREUVE ECRITE DISCIPLINAIRE****A/ COMPOSITION****AXE : Fictions et réalités**

À partir de l'axe indiqué, vous proposerez une problématique en vous fondant sur l'analyse et la mise en résonance des documents ci-dessous. Vous rendrez compte de votre réflexion en une composition structurée en langue portugaise.

B/ TRADUCTION

Vous traduirez en français le document 1 de la ligne 12 « Não era só isso » jusqu'à la fin du texte.

Texto 1 : A criança infeliz

5 No colégio havia um aluno particularmente desgraçado. Diziam que não prestava, embora se recusassem de ordinário a especificar as suas faltas, cochichadas com gestos de repugnância. À tarde, na hora de recreio que enchia de algazarra a calçada e a rua, afastavam-se dele, ostensivos, e se alguém transgredia essa dura norma, arriscava-se a nivelar-se ao réprobo. Acatávamos uma possível opinião da maioria, apesar de nunca havermos discutido o assunto: cada um supunha a condenação firmada e receava comprometer-se.

10 O rapaz avizinhava-se dos grupos, esboçava um sorriso cínico, ingeria-se nas conversas, de balde. Os mais taludos afrontavam-no, olhavam-no com desprezo, cuspiam, voltavam-lhe as costas. Esse procedimento nos fornecia um princípio de convicção; e como a vítima se resignava e baixava a cabeça, admitíamos sem esforço a culpabilidade.

15 Não era só isso: atiravam-lhe palavras ásperas, rosnavam insultos. Fingia não percebê-los, diligenciava abrandar as almas oferecendo-nos indicações úteis, em geral aceitas com indiferença ou repelidas.

No começo, apenas as classes adiantadas se comportavam assim; as atrasadas seguiam-lhes o exemplo; afinal o garoto se achou entre inimigos.

O maior deles foi o director: isolou-o numa ponta de banco, transformou-o em bicho de circo, espécie de Joaquina ou Jacob, dois gorilas que nos tinham maravilhado. Injusto em demasia, sempre lhe considerou o trabalho mal feito, responsabilizou-o por erros alheios, em momentos de zanga não disfarçou o ódio.

– Olhem aquele sem vergonha.

Com o destampatório, avivava a separação, estimulava-nos os instintos maus. Julgava-o perdido, sem dúvida, e empenhava-se em distanciá-lo dos companheiros. Lembrava-nos a cada instante que a aproximação era nociva. Longo tempo ficava a observá-lo, como se procurasse manchas na roupa, ausência de botões, e tinha uma horrível brandura felina, o bigode eriçava-se, a patinha curta erguia-se de manso, a voz era um suave ronrom. A distância, poderíamos supor algum discurso amável. De repente, a maciez vagarosa miava:

– Descarado.

O pobre rato fingia-se impassível, escondia-se por detrás de um livro; perturbava-se ao cabo de minutos, esmorecia, punha-se a tremer. Se estivéssemos analisando Camões ou catalogando os mares da Europa, qualquer omissão justificaria a ofensa. Mas provocar uma pessoa daquele jeito, sem esclarecimento, alvoroçava-nos. O ultraje não se relacionava com as tarefas escolares, devia ligar-se a factos exteriores. Essa imprecisão tomava grande importância: tratava-se de coisa séria, feia.

O director se levantava, um ombro alto, outro baixo:

– Sem vergonha.

Os pêlos ameaçadores encrespavam-se, as maneiras brandas eram substituídas por sacudidelas, todo aquele veludo se esgarçava e as garras apareciam, desviavam a folha que ocultava um rosto cheio de pavor. Em seguida trompaços, baques fofos no tijolo, arrastar de membros contusos, queixas lamurientas, soluços.

Às vezes, o homem se excedia: amarrava os braços do garoto com uma corda, espancava-o rijo, abria a porta, e a desesperada humilhação exibia-se aos transeuntes, fungava, tentava enxugar as lágrimas e assoar-se. O choro juntava-se ao catarro, pingava no paletó e na camisa – e o pano molhado tinha um cheiro nauseabundo, mistura de formiga e mofo.

Graciliano Ramos, *Infância*, 1945.

Texto 2 : Sonho da mãe negra

Mãe negra
Embala o seu filho
E na sua cabeça negra
Coberta de cabelos negros
5 Ela guarda sonhos maravilhosos

Mãe negra
Embala o seu filho
E esquece
Que o milho já a terra secou
10 Que o amendoim ontem acabou
Ela sonha sonhos maravilhosos

Onde o seu filho iria à escola
À escola onde iriam os homens
Mãe negra
15 Embala o seu filho
E esquece
Os seus irmãos construindo vilas e cidades
Cimentando-as com o seu sangue

20 Ela sonha mundos maravilhosos
Onde o seu filho correria na estrada
Na estrada onde passam os homens

Mãe negra
Embala o seu filho
E escutando
25 A voz que vem de longe
Trazida pelos ventos
Ela sonha mundos maravilhosos
Onde o seu filho poderá viver.

Marcelino de Souza (Kalungano), *Poesia - Antologia temática*, 1967.

Texto 3 : Levantado do Chão

Quando cresceu, Gracinda Mau-Tempo não foi à escola. Nem Amélia iria. Nem António tinha ido. Em tempos muito antigos, era o pai destes três criança, andaram os propagandistas da república a clamar pelos povoados, Mandai os vossos filhos à escola, eram como apóstolos de pêra e bigode e chapéu mole anunciando a boa nova, a luz da instrução, chamavam à
5 cruzada, com a extrema diferença de que então não se tratava de expulsar o turco de Jerusalém e do túmulo do Senhor, não eram coisas de ossos ausentes, mas de vidas presentes, estas que depois iam com a saqueta de linhagem a tiracolo, suspensa de um barbante, e lá dentro a cartilha oferecida pela mesma república que mandava carregar a guarda se os progenitores reclamavam salário maior. Recebeu por isso João Mau-Tempo
10 suas letras, bastantes para ter escrito na cartilha de Montemor o seu nome errado João Mautempo, ainda que, inseguro, não raro escreva João Mautempo, já bastante melhor, senão exacto, que Mau-Tempo é alarde evidente de presunção gramática. Avança o mundo, mas é conforme. Em Monte Lavre não avançou ele que chegasse para irem os três irmãos à escola, e agora como há-de Gracinda Mau-Tempo escrever ao namorado se ele estiver longe, boa
15 pergunta esta, e como havia António Mau-Tempo de dar mais notícias se coitado não aprendeu e anda a valdevinar em frequências quadrilheiras, prouvera que lhe não pegue a peçonha, e não pegou, diz Faustina ao marido, De ti só teve bons exemplos.

João Mau-Tempo faz que sim com a cabeça, mas, em seu coração, duvida. Dói-lhe não ter o filho ao lado, olhar em redor de si e ver só as mulheres. Faustina tão diferente do que foi
20 em nova, e já então não era bonita, e as filhas cuja frescura ainda resiste ao trabalho de arrastar, pena é que Amélia tenha tão estragados os dentes. Mas de bons exemplos não tem João Mau-Tempo a certeza. Durante toda a sua vida não fez mais do que ganhar o pão, e não todos os dias, e logo isto lhe arma um nó cego dentro da cabeça, que venha um homem ao mundo sem ter pedido, que passe de frio e fome infantil mais do que a conta, se conta
25 pode haver, que chegando a crescido tenha a fome de redobrar como castigo por ter sido o corpo capaz de aguentar tanto, e depois de maltratado por patrões e feitores, por guardas e guarda, tendo chegado aos quarenta anos disse a sua vontade, vai preso como gado para a feira ou para o matadouro, e tudo na prisão é fazer pouco de um homem, e até a liberdade é uma bofetada, um bocado de pão atirado para o chão, a ver se o levanta. Isto fazemos ao pão
30 quando cai, tomamo-lo na mão, soprámos-lhe de leve como se lhe devolvêssemos o espírito, e depois damos-lhe um beijo, mas não o comerei já, parto-o em quatro bocados, dois maiores, dois mais pequenos, toma lá Amélia, toma lá Gracinda, este para ti, e este para mim, e se alguém perguntar para quem foram os dois pedaços maiores, é menos do que um animal, porque um animal sei eu que saberia.

35 Os pais não podem fazer tudo. Os pais põem os filhos no mundo, fazem por eles o
sempre pouco que sabem, e ficam à espera de que o melhor aconteça, parecendo-lhes até
que se estiverem com muita atenção, ou mesmo quando não tanta assim, com qualquer coisa
um pai se ilude, julga-se atento e não está, mas enfim, é impossível que filho meu seja maltês,
40 minha filha levantada, o meu sangue envenenado. Quando António Mau-Tempo passa
épocas em Monte Lavre, João Mau-Tempo esquece-se de que é pai e mais velho e põe-se a
andar em redor do filho, como se quisesse apurar a verdade daquelas ausências, por tão
longe como Coruche, Sado, Samora Correia, Infantado e mesmo do outro lado do Tejo, e os
casos verídicos que pela boca do filho vêm confirmar ou confundir a lenda do José Gato, lenda
45 dizemos, embora tudo se queira na sua proporção, é o José Gato um pimpãozinho sem glória,
deixou ir os de Monte Lavre à prisão, esses casos valem mais por envolverem António Mau-
Tempo, de lá estar ou ouvir dizer, do que como informação pitoresca para a história da
pequena e campestre delinquência. E João Mau-Tempo tem às vezes um pensamento que
não conseguiria pôr por palavras extensas, mas que, entrevisto, parece dizer que se é de
50 bons exemplos que se trata, talvez estes de José Gato não sejam tão maus como isso, mesmo
roubando e faltando nas horas mais necessárias. Um dia António Mau-Tempo dirá, Na minha
vida tive um mestre e um explicador, e agora, nesta idade em que estou, voltei ao princípio
para tornar a aprender tudo. Se é necessário começar já a esclarecer algumas coisas, diga-
se que o pai foi o mestre, João Gato o explicador, e o que António Mau-Tempo estiver a
aprender, não será ele sozinho.

José Saramago, *Levantado do Chão*, 1980.